



Uma cimeira sem poder

1

Uma "cimeira" sem poder

~~Um~~ Era a segunda semana de Abril. A reunião anual do Conselho de InterAcção de ex-Chefes de Governo (um grupo de 30 membros constituído em 1983) era desta vez no Japão. Quando a maioria ^{de nós} lá chegou, já o Comité Executivo tinha dado uma conferência de imprensa sobre as questões que iríamos tratar. ~~E já tínhamos sido "baptizados" pelos canais de televisão japoneses: éramos o "OB Summit"! (Traduza-se "Cimeira dos velhos rapazes"! e veja-se os malabarismos que, com um enorme sentido do humor, o Presidente Helmut Schmidt tinha de utilizar para justificar que apenas uma mulher fizesse parte do grupo e desta incongruência de não haver designação adequada para exprimir a presença de homens e mulheres num grupo destes, pode ser que o acordo ortográfico nos invente um nome bem moderno!)~~

A nossa "cimeira" precedia de um mês a cimeira dos 7 países altamente industrializados. E, em certos momentos, ao vermos a segurança espectacular que nos rodeava e o trânsito parado por nossa causa na imensa cidade de Tóquio, tínhamos a vaga suspeita de que estávamos a ser os figurantes de um ensaio geral.

Mas foi uma sensação momentânea. Porque esta "cimeira" que não é constituída à base do poder actual, tem uma especificidade própria. É uma "cimeira" que se põe ao serviço da actual liderança política dos vários países do mundo. A preocupação que nos domina está claramente expressa na frase com que Schmidt, na sessão inaugural, ~~começou a traçar o~~ ^{falou} ~~que poderá vir a ser o 'quadro económico' do fim do século: 'Se me permitem dar um salto no tempo para a véspera do Ano Novo de 1999, parece-me que o mundo não terá melhorado substancialmente nos próximos 13 ou 14 anos se se mantiver a actual falta de liderança intelectual, ~~ou~~ espiritual e política no plano internacional.'~~



Primeiro dever dos dirigentes políticos: DIRIGIR

1. Em Hakone, onde decorrem as nossas verdadeiras sessões de trabalho, não é ainda a estação turística. Talvez por isso a cada intervalo há sempre alguém a desafiar-nos para um passeio à beira do lago ^{Ashinoko.} A volta, os montes de um verde muito escuro e, na distância, recortando-se como uma figuração de calendário, o Monte Fuji, o autêntico, que tão raramente se deixa ver! Não resistimos e tiramos a fotografia ^{oficial} com o mesmo fundo com que a tiraria um qualquer grupo ^{países!} das nossas respectivas aldeias.

Mas estamos em pleno trabalho. A direcção exigente de Schmidt e as variadas funções que todos já exercemos fazem de nós um grupo pontual, sóbrio, colaborante. As palavras circulam sem empolamento e sem o formalismo ^{costumam} que dá às suas intervenções os novos-ricos da prática democrática. É certo que somos poucos (26 no total) mas ninguém precisa de mostrar a sua competência (~~quando se precisa de o fazer é porque ela não existe, não é?~~) e todos temos um autêntico interesse em nos ouvirmos mutuamente. (~~Quantas vezes o crítico repetisimo: 'Vá, diz tu.' - 'Não, diz tu que dizes isso melhor do que eu.'~~) ^{Executa a sua tarefa com excepcional competência.} Temos, além disso, um Presidente que ^{Hoje em dia,} já conhece as capacidades ^{a nível nacional ou internacional} e a experiência de cada um. Em comparação com a maior parte das sessões, em que se a presidência (se tornou) escrava da sua própria inoperância, transformando-se num penoso e lamentável exercício tecnocrático, ^{Mas} o presidente aqui, preside, de facto. Não dá só a palavra: conduz, sintetiza, interpela, explica, ajuda a fazer circular as ideias. Orienta, guia, dirige - que para outra coisa não serve um presidente! Por isso, não admira que a nossa declaração final de Hakone comece com esta frase, forte de tão óbvia que é: "O primeiro dever dos dirigentes políticos é dirigir."



Da importância das cerejeiras em flor...

2. Para trás ficaram as solenidades que marcaram o início da nossa "cimeira" - a recepção pelo Príncipe Herdeiro, o jantar que o Primeiro-Ministro Nakasone ofereceu aos participantes e aos ~~nossos~~ ^{dos nossos países,} Embaixadores, as dezenas de jornalistas, fotógrafos, cadeias de televisão na sessão inaugural do Conselho onde temos bem a sensação de estarmos à beira do Pacífico, "o novo centro do mundo"...

E a envolver-nos durante todo o tempo da nossa estadia a beleza única das cerejeiras em flor, esse ~~fenó-~~ ^{acontecimento,} ~~meno~~ breve para que os japoneses vivem o ano inteiro. Coincidência? Claro que não! Antes do mais, bons serviços meteorológicos! Mas, mais ~~o~~ fundo do que isso, a expressão sociológica da filosofia japonesa sobre o clima: o clima não é um fenómeno da natureza, exterior a nós, mas "expressão da existência humana subjectiva". Como dizia um filósofo japonês já há vários anos: "Como podemos nós sentir a existência independente e autónoma do frio antes de sentirmos frio? É impossível. É por sentirmos frio que descobrimos o frio." (1)

Logo, para que a sessão do Conselho de InterAcção resultasse, era importante aos olhos dos japoneses que sentíssemos em nós as cerejeiras em flor... Pois não é isso que escreveu no século XVII o poeta Basho, o maior poeta japonês e um dos maiores poetas do mundo, num dos seus maravilhosos "haikus"?

"Quantas flores/estão florindo no espírito/quando a cerejeira está em flor?"(2)

(1) "A climate - a philosophical study", de Watsuji Tetsuro, editado pelo Ministério da Educação do Japão em 1961

(2) "To walk in seasons", de William Howard Cohen, 1972



Formas institucionalizadas de diálogo - caminho para a negociação

34. A avaliar pelo acordo activo (consensos ^{reduzidos} de menor denominador comum, não entram nos nossos métodos de trabalho!) que convergiu na Declaração Final de Hakone, penso que, de facto, algumas flores floriram no nosso espírito... Tomo hoje como exemplo, a questão da segurança e da paz que é um dos eixos do nosso trabalho conjunto.

Verificamos que o espírito criado entre nós ao longo das várias sessões e o trabalho discreto realizado junto dos actuais dirigentes mundiais pelos membros do Conselho com maior prestígio internacional, tornam cada vez mais unânime o nosso pensamento e mais insistentes as nossas recomendações. Tal é, por exemplo, a importância que sempre atribuímos aos contactos pessoais e directos entre os leaders dos EUA e da URSS, como o quadro humano indispensável para que negociações técnicas, militares e políticas aí se possam inserir com um mínimo de eficácia. Estimula-nos, de resto, verificar que a afirmação feita pelo Conselho a este respeito em Brioni, em Maio de 84, para que os "dirigentes de ambos os países re-estabelecessem um diálogo pessoal o mais cedo possível" (já que ^{desde 1979} ~~mais de 5~~ anos tinham passado em que a comunicação entre os dois dirigentes só se fazia ^{indirectamente} através das respectivas televisões!) contribuiu de forma decisiva para que Reagan introduzisse esse ponto na sua campanha presidencial de 84 e posteriormente o pusesse em prática.

~~No contexto da facilidade de comunicações do mundo actual e no realismo do reconhecimento dos canais de que nos há acção diplomática q substitua o contacto face-a-face dos dirigentes políticos, contacto que importa manter permanentemente abertos, não~~

não temos dúvida em afirmar que, qualquer que seja o grau de desentendimento entre as duas super-potências e as acusações e desconfianças mútuas, o diálogo entre os dois leaders deveria ser mantido sob uma forma institucionalizada. De resto, estamos seguros de que essa é uma exigência que se põe a cada país, face aos seus interlocutores privilegiados - quer por conflito quer por afinidade.



O respeito dos Tratados existentes
- condição para a redução dos armamentos

4. Retomamos o princípio já entre nós acordado há um ano, em Paris, de que o equilíbrio militar (ou, em outros termos, política de dissuasão) se deve fazer ao mais baixo nível possível de armamentos. O desarmamento não é, assim, para o Conselho, um conceito vago e uma opção zero imediata, mas uma forma realista de encarar a realidade do mundo presente e diminuir os riscos que contém. *Não temos dúvida de* →

Renovamos também o apelo quanto à aplicação dos Tratados já existentes. Assim, consideramos que é uma responsabilidade moral das super-potências o respeito por elas assumido no quadro do " Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares" (NPT) reafirmado no encontro de Genebra entre Reagan e Gorbachev *pela determinação, expressa no* →

Num momento em que uma ^{ilusória} ~~fluxo~~ de euforia tecnológica parece tomar numerosos dirigentes políticos quanto ao significado prático da Guerra das Estrelas, consideramos que "Tratado sobre Mísseis Anti-Balísticos" (ABM) é seriamente posto em causa pelos sistemas de defesa contra as armas nucleares. Conscientes da inconsistência em que assentam os sistemas de defesa ^{no espaço} ~~que~~ no plano tecnológico quer quanto à capacidade de reacção do adversário, ⁽³⁾ reiteramos o pedido que já havíamos feito aos Governos americano e soviético nas vésperas da cimeira de Genebra: "O Tratado ABM não impede a investigação, mas limita rigorosamente o número de sistemas desdobrados." *"ambas as potências deveriam, urgentemente, acordar numa interpretação e aplicação do Tratado ABM de forma a acabar com a adicional corrida ao armamento na terra e no espaço na qual ambas as super-potências já estão empenhadas."*

É ainda para nós evidente que o perigo nuclear está ligado aos ensaios nucleares. Por isso apelamos à negociação de um "Tratado Global de Proibição de Ensaios Nucleares" (CTBT) que inclua a cláusula da sua própria verificação. Este apelo dirige-se a todas as potências nucleares e não-nucleares, mas é evidente que as super-potências têm neste domínio uma responsabilidade acrescida.

(3) Para uma ^{confirmação} ~~análise~~ cuidada desta posição, veja-se, p. ex.: "SDI in Search of a Mission", de Peter A. Clausen, em "World Policy Journal", Primavera 85, New York



que este é um princípio que deve conduzir a política de defesa de todos os países e a atitude a assumir nos blocos político-militares em que muitos se inserem.

→ comunicado final, "de negociar medidas eficazes relacionadas com a ~~terminação~~ da corrida às armas nucleares e com o desarmamento nuclear".

Fundação Cuidar o Futuro

(5) Para uma análise crítica desta página, ver p. 101
 "The World Journal", 19/11/1980, p. 101
 "The World Journal", 19/11/1980, p. 101

6.5.

Enquanto as super-potências enchem as notícias diárias com as suas tréguas armadas, têm-se vivido no planeta mais de 100 guerras locais ou regionais em que directa ou indirectamente as super-potências têm estado presentes. *Dois desses conflitos regionais assumiram especial gravidade nos últimos meses: a América Central e a África do Sul.*

2 A decisão de mais 4 países latino-americanos (entre os quais o Brasil) de apoiarem o Grupo de Contadora reforça em nós a convicção de que é indispensável contribuir para vencer os obstáculos que se põem na pacificação e no desenvolvimento dos países da América Central. Daí o nosso apelo ao ^{Governo dos} EUA para que suspenda a implementação dos seus planos de assistência económica e militares aos "Contra" e ao Governo da Nicarágua para que concorde em assinar o Acto de Contadora de modo a estabelecer um diálogo para a reconciliação nacional e a preparar o caminho para o pluralismo e o não-alinhamento.



A África do Sul ocupa uma boa parte da nossa discussão sobre os conflitos regionais. Temos uma informação extremamente precisa dado que entre nós ~~temos~~ ^{estão} 3 dos membros da Comissão do "Commonwealth" encarregados de analisar a situação da África do Sul e recentemente regressados da região. Consideramos, por isso, indispensável enumerar algumas das condições que devem ser criadas pelo Governo Sul-Africano para ^{que sejam possíveis,} as negociações: estabelecimento de etapas e prazos para o desmantelamento do 'apartheid'; a retirada de tropas das bairros de negros; a libertação de Nelson Mandela e de outros líderes que se encontram presos e detidos; a não-proibição de partidos políticos; a suspensão de leis que restringem a liberdade de movimento, de expressão e de associação política; negociações iniciadas sem agenda prévia.

Conscientes de que na África do Sul poderá vir a dar-se o que será o maior derramamento de sangue desde a II Guerra Mundial, apelamos para os países ocidentais *com maior* os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a República Federal da Alemanha - de modo a que exerçam a sua influência junto do Governo da África do Sul, ajudando a criar o clima necessário a negociações enquanto há ainda uma geração ~~moderada~~ ^{paciente} com quem essas negociações são viáveis.

Impacto na economia e no aparelho militar da África do Sul



Encorajamento do Papa ao Conselho de InterAcção

Perguntei-me algumas vezes durante esta quarta reunião ^{do} Conselho de InterAcção donde lhe vinha o empenhamento, o espírito de grupo, a eficácia.

E não me bastava a explicação simplista de que, estando fora da área do poder efectivo, é possível ter à mesma ^{personalidades políticas} mesa ~~gente~~ do Norte e do Sul, do Ocidente e do Leste, dos partidos ditos conservadores, dos partidos ditos progressistas e dos sem-partido. ~~O que esteve aqui presente foi a consciência de uma responsabilidade assumida perante o futuro da humanidade, a procura de novos caminhos para encontrar resposta para os enormes problemas com que a humanidade hoje se debate.~~ *O significado deste Conselho fornece outra explicação.*

~~Esse~~ Conselho corresponde à necessidade de conferir aos esforços multi-laterais uma fisionomia humana em que às torrentes de palavras se vincule o compromisso.

Porque disso se trata: estes homens (e esta mulher também!) não estão aqui numa reclusão estratégica à espera de pôr outra vez o pé no estribo do poder... Cada um está, de acordo com a sua situação pessoal e nacional, totalmente empenhado em fazer render, sem discontinuidade, a experiência adquirida. Todos procuram fazer opuvir a sua voz no coro aparentemente anónimo deste Conselho. E têm a satisfação de verificar que, em vez da redução a que habitualmente nos sujeitam as instituições, a contribuição de cada um é potenciada até ao máximo das suas virtualidades.

Por isso, foram um grande encorajamento para todos as palavras ^{que o Cardeal Casaroli dirigiu, em nome de} João Paulo II ~~dirigidas~~ ao Conselho, através do seu Presidente Honorário e Decano Takeo Fukuda:

"A ampla visão e o método do Conselho de InterAcção, as importantes questões a que prestais a vossa atenção e, sobretudo, a experiência acumulada e o espírito de serviço dos seus membros oferecem uma esperança bem fundada de que esta oportuna iniciativa contribua para a formulação de soluções para alguns dos sérios problemas a que faz face a comunidade mundial nesta fase da sua história. Por isso Sua Santidade vos encoraja nas tarefas difíceis mas ~~mas~~ de grande valor a que haveis decidido dedicar-vos."